



A RELAÇÃO ENTRE O ALUNO UNIVERSITÁRIO AUTISTA E O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS EM SUAS AULAS

Marina Martin ¹

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo conduzir uma reflexão acerca de relação entre os alunos universitários com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a utilização de Metodologias Ativas no Ensino Superior. Para isso, foi utilizada a metodologia de pesquisa de Revisão Bibliográfica, buscando em pesquisas recentes informações tanto sobre a situação dos alunos em questão quanto sobre essas recentes metodologias de ensino, com o objetivo de entender melhor o que os pesquisadores estão atualmente verificando sobre esses tópicos. A partir do levantamento, verificou-se que alunos universitários com autismo, apesar de estarem em número cada vez maior no Ensino Superior, percebem alguns desafios para frequentarem a universidade, principalmente em relação a falta de apoio das instituições para sua inclusão e a necessidade de apresentarem boas habilidades sociais para melhor aproveitamento das diversas situações desse ambiente, algo difícil a eles pelo fato de sua condição acarretar um prejuízo dessas habilidades. Sobre as Metodologias Ativas, foi possível perceber que sua utilização está aumentando cada vez mais devido aos benefícios que possibilitam para o aprendizado da maioria dos alunos, o que se configura como um cenário preocupante para os alunos aqui considerados, uma vez que muitas dessas metodologias exigem que os participantes tenham boas habilidades sociais para desempenhar as atividades propostas. Assim, indica-se que mais pesquisas devem ser realizadas para compreender quais adaptações são necessárias para que seja possível garantir a inclusão desses alunos no Ensino Superior.

Palavras-chave: Autismo, Ensino Superior, Metodologias Ativas.

INTRODUÇÃO

É crescente o número de pessoas diagnosticadas com algum nível de desenvolvimento atípico, ou TEA (Transtornos do Espectro Autista), como apontam pesquisas de várias partes do mundo. Numa pesquisa estadunidense realizada em 2016, a rede ADDM Network (Autism and Developmental Disabilities Monitoring), que monitora os índices de autismo nos Estados Unidos, apontou um aumento no número de diagnósticos de TEA de 10% em relação ao relatório de 2014 e de 175% em relação ao de 2002. (MAENNER ET AL, 2016).

¹ Pós-Graduanda do Curso de Especialização em ABA - Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo, Atrasos de Desenvolvimento Intelectual e Linguagem da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, marina.martin@estudante.ufscar.br



Considerando esse cenário, precisamos assegurar que esses alunos tenham acesso a uma educação adequada às suas necessidades até o Ensino Superior, para assegurar que possam se tornar indivíduos ativos na sociedade.

Com relação ao ingresso e permanência desses alunos na universidade, Silva (2016) aponta que houve um aumento na porcentagem de universitários com necessidades educacionais no Brasil entre os anos de 2010 e 2014, após analisar dados do INEP. A porcentagem de alunos alvo da Educação Especial aumentou 64,52%, enquanto o número de alunos no geral subiu 22,57%. Isso indica que há, proporcionalmente, mais alunos de inclusão no Ensino Superior.

Os indivíduos autistas estão incluídos nesses dados, entretanto, é muito provável que o número de universitários com TEA seja muito maior do que o considerado para esse estudo, uma vez que muitos daqueles que têm casos leves não têm diagnóstico ou preferem ingressar sem declarar sua condição, o que impossibilita sua consideração para o censo.

Mesmo assim, devemos lembrar-nos desses alunos, pois eles também têm dificuldades em frequentar o ambiente universitário e deveriam contar com as adaptações necessárias à sua condição.

Para compreender quais seriam essas adaptações, faz-se necessário compreender qual é o perfil desses alunos e quais são as particularidades do ambiente educacional universitário.

Com o objetivo de contribuir para essa compreensão, o presente artigo pretende fazer um levantamento de pesquisas recentes sobre o que os alunos em questão enfrentam em seu cotidiano no Ensino Superior, bem como das pesquisas recentes sobre uma situação específica com a qual esses alunos podem deparar-se na universidade: aulas com um tipo específico de metodologias empregadas no Ensino Superior, as chamadas Metodologias Ativas.

Essa forma de ensinar tem ganhado muito espaço em todo o mundo e muitas pesquisas mostram os benefícios que traz para o processo de aprendizado dos alunos, entretanto, ela exige algumas habilidades específicas que poderiam tornar ainda maior o desafio de estudar numa universidade para os alunos aqui considerados.

A partir de um levantamento bibliográfico sobre as características do TEA e desse tipo de metodologia, são apontadas as possíveis dificuldades que esse aluno poderia enfrentar nessa situação de aprendizado e as justificativas para tal conclusão.



METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse estudo, a metodologia utilizada foi a Revisão de Literatura, buscando em fontes conceituadas e trabalhos acadêmicos recentes dados que pudessem contribuir para o desenvolvimento da discussão aqui proposta.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, foi possível investigar a relação entre as características da condição autista e das Metodologias Ativas, a fim de fortalecer a reflexão apresentada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico, foram utilizados relatórios da rede ADDM Network (Autism and Developmental Disabilities Monitoring) e do INEP para conseguir dados estatísticos sobre os alunos alvo do estudo e informações do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais para caracterizar os pontos relevantes do TEA.

A pesquisa apoiou-se também em estudos recentes de autores variados, tanto brasileiros quanto internacionais, para entender o panorama da participação de alunos autistas no Ensino Superior, levando em consideração o que esses estudos têm apontado como principais obstáculos para que possam usufruir de uma educação acessível e de qualidade.

Além disso, foram considerados estudos diversos e recentes sobre as Metodologias Ativas para entender suas características principais e o cenário de sua aplicação em universidades de diversos países.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, temos observado um expressivo aumento no número de diagnóstico de autismo bem como no número de ações positivas para conscientização sobre essa condição e inclusão desses indivíduos.

Conseqüentemente, o número de alunos ingressando no Ensino Superior com algum dentre os Transtornos do Espectro Autista (TEA) também aumentou e espera-se que continue aumentando significativamente nos próximos anos (GROGAN, 2015).



Justus (2019) ressalta que o desenvolvimento dos alunos autistas depende das ações das instituições de ensino, em conjunto das ações familiares. Esses dois fatores podem levá-los a manifestar suas potencialidades, concluir uma graduação e garantir uma vida harmoniosa, produtiva e inserida na sociedade.

Para entender quais são as necessidades educacionais desses alunos, consideremos as características mais comuns de sua condição, descritas na 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), de 2013, como (1) prejuízo nas interações e comunicações sociais e (2) padrões de comportamento, de interesses e de atividades repetitivos e restritos.

Dessas duas características gerais, vamos focar aqui na primeira, que é uma grande preocupação para a inclusão de alunos com TEA no Ensino Superior.

Numa pesquisa de 2015 realizada na Austrália com universitários autistas e seus pais, CAI & RICHDALE (2015) observaram que com frequências esses participantes relataram uma falta de apoio social adequado das instituições e concluíram:

Student and parent report indicated that many of our students were not receiving adequate educational or social support in higher education. Higher education institutions may expect to enrol more students with ASD in the coming years; meeting the needs of this growing population will be extremely challenging if these students' support needs are not understood and provided. (CAI & RICHDALE, 2015)

No excerto anterior, os autores indicam não apenas o relato da falta de apoio por parte das instituições, como também apontam para a expectativa do crescente número de matrículas de alunos com TEA no Ensino Superior e para o desafio de proporcionar-lhes o que for necessário para garantir uma experiência de ensino satisfatória.

Grogan (2015) também indica que uma barreira para que esses alunos possam ter uma experiência adequada é o prejuízo de suas habilidades sociais, o que requer um apoio especial do quadro de funcionários da universidade para que essas habilidades sejam desenvolvidas e essa barreira ultrapassada.

Aqui no Brasil as pesquisas também identificam essa dificuldade com a questão social, como podemos ver no relato de uma aluna diagnosticada com TEA, entrevistada para uma pesquisa, sobre sua experiência durante a graduação:

Eu sofri bastante com ansiedade porque, na universidade, não há muito padrão em relação ao que esperar das aulas, cada professor tem métodos completamente diferentes um do outro, e as expectativas em relação a você nunca são



completamente satisfeitas. Diferentemente do ensino médio e fundamental, o objetivo “tirar notas altas” não é mais o único que você deve se preocupar em alcançar. Você também precisa se envolver com bolsas, escrever artigos, participar de eventos e outras coisas do gênero. Sempre há novas cobranças sendo feitas e há um pouco de jogo social no meio disso porque você precisa conquistar alguns professores para ter acesso a certas oportunidades. Todas essas coisas são exaustivas. (BARBOSA&LIMAVERDE, 2019)

Como pode ser observado pelo relato da aluna, as exigências no Ensino Superior podem tornar-se cansativas para o aluno com TEA, devido também às características desse transtorno, que interferem no seu processo de aprendizado e por isso devem ser levadas em consideração.

Olivati&Leite (2019) também indicam, em sua pesquisa com alunos de desenvolvimento atípico no Ensino Superior, algumas dificuldades apontadas por esses alunos, relacionadas a habilidades organizacionais, atencionais e, mais uma vez, sociais.

O prejuízo nas habilidades sociais, tão enfaticamente apontado como um dificultador do processo de adaptação do aluno autista na universidade, é o que se pretende destacar aqui também, uma vez que são essas habilidades as mais exigidas naquela que figura como tendência educacional do Ensino Superior para os próximos tempos: as Metodologias Ativas de Aprendizagem.

Nos últimos 100 anos, cada vez mais é possível observar a tendência da educação em colocar o aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem, a partir das chamadas Metodologias Ativas, retirando do professor a simples responsabilidade de transmitir informações, uma vez que temos uma quantidade crescente de informações de fácil acesso. (VALENTE, 2018)

Sobre o atual acesso à informação, Sahagoff (2019) discorre sobre a relação desse cenário com o novo papel que o professor deve assumir:

Antigamente, os professores tinham conhecimentos e informações aos quais os alunos só teriam acesso em sala de aula ou pesquisando em materiais impressos, muitas vezes de difícil acesso. Hoje, o conhecimento está à disposição de todos. O papel do professor mudou, então, é desafiador e fundamental encontrar o real papel do professor na atualidade. Neste novo cenário, principalmente devido ao uso das tecnologias, a realidade é outra, portanto, é essencial e urgente uma reflexão sobre uma prática pedagógica mais adaptada a essa nova realidade. Pensando nisso, acredita-se que as chamadas metodologias ativas possam ser uma alternativa para se trabalhar na contemporaneidade, metodologias que já vem sendo introduzidas em algumas instituições de ensino. (SAHAGOFF, 2019)

Essas novas metodologias são chamadas *ativas* justamente por colocar o aluno numa posição ativa, diferentemente do modelo tradicional em que o aluno passivamente recebe



informações do professor, modelo esse que não cabe mais ao aluno do século XXI. Moran (2015) também aponta que o uso dessas metodologias “se intensificará muito proximamente, porque as crianças não aceitam um modelo vertical, autoritário e uniforme de aprender.”

As Metodologias Ativas são, portanto, uma forma inovadora e necessária de se fazer educação. Elas mostram-se como uma forma de resgatar a motivação e o interesse dos alunos atuais, aproximando a teoria da prática. (LOVATO ET AL., 2018).

Além disso, também permitem o desenvolvimento de outras competências além do saber intencional do conteúdo ensinado, como trabalho em equipe, liderança e relacionamento interpessoal. Essas competências colaboram para a formação de um profissional apto a enfrentar os desafios de sua profissão. (SILVA&ANDRADE, 2019)

É importante ressaltar, entretanto, que nem todas as técnicas consideradas Metodologias Ativas proporcionam interação social, pois a característica que todas têm em comum é o fato de colocar o protagonismo do processo de ensino-aprendizagem no aluno, tornando-o ativo no processo, o que pode ocorrer também de forma individual. Porém, o que se vê com frequência é o uso de técnicas que exigem habilidades sociais dentre as possibilidades dessas metodologias, como trabalhos em equipes, interações em pares, grupos de discussão, etc.

Tsuji&Sugiyama (2017) também apontam uma crescente utilização desse tipo de estratégia de ensino nas universidades do Japão e verificam que de fato elas podem contribuir para o processo de aprendizado dos alunos, principalmente em termos de motivação.

Mesmo em contextos em que são encontradas muitas dificuldades para a implementação das Metodologias Ativas, como apontado por uma pesquisa na universidade de Jimma na Etiópia, muitos docentes empregam grandes esforços para mudar o cenário da educação superior com essas novas técnicas de ensino. (TAREKEGNE, 2019)

É inegável que a utilização das Metodologias Ativas só tende a crescer, em todos os níveis de educação e em todos os cantos do planeta, e por seu caráter de sociabilidade é que devemos pensar em sua aplicação para o aluno com TEA.

Hackathorn (2011) indicou, a partir de um estudo comparativo entre metodologias de ensino, que as metodologias mais efetivas para a maioria dos alunos observados de fato eram as que permitiam uma participação ativa do aluno, enquanto que as menos efetivas eram as que colocavam o aluno em uma posição passiva, como as aulas que contam exclusivamente com exposição de conceitos por parte dos professores.



Entretanto, não se pode afirmar que esse novo estilo de ensino é o mais aconselhável para todos os alunos. Em um estudo realizado na Croácia com 99 universitários, percebeu-se que alunos com diferentes estilos de aprendizagem tinham preferências e aproveitamentos diversos quanto às metodologias de ensino, não sendo consenso a indicação de Metodologias Ativas como processo de ensino-aprendizado mais eficiente para todos eles. (VOKIC&ALEKSIC, 2020)

Além disso, Tino (2020) observa que há uma resistência por parte dos alunos em aceitarem o emprego das Metodologias Ativas em aulas no Ensino Superior e aponta algumas razões para isso. Entre elas, indica que “they can cause anxiety and discomfort concerning the ability required by the performance and the expectations” (em tradução livre: elas podem causar ansiedade e desconforto em relação à habilidade necessária para o desempenho e às expectativas).

Apesar da autora não indica as características dos sujeitos que poderiam ter resistência por esse motivo, é ainda assim possível supor nesse contexto que entre esses alunos certamente se encontram alguns com TEA, devido a essas metodologias exigirem habilidades sociais, campo no qual muitos desses indivíduos têm algum prejuízo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo fazer um levantamento bibliográfico concernente a relação entre os Transtornos do Espectro Autista (TEA) e as Metodologias Ativas, com foco na situação em que alunos universitários com essa condição encontram-se num contexto educacional com aplicação dessas metodologias.

A partir das pesquisas consideradas, foi possível refletir sobre o evidente aumento da aplicação dessas metodologias no Ensino Superior, o que muito pode contribuir para o aprendizado da maioria dos alunos e, justamente por esse motivo, configura-se como tendência educacional para as próximas décadas.

Entretanto, o caráter ativo e social da maior parte das atividades que envolvem Metodologias Ativas pode ser um dificultador do processo de aprendizagem dos sujeitos com TEA, uma vez que essa condição tem como uma de suas características gerais um prejuízo nas habilidades sociais.



Além disso, as pesquisas indicam que há um número cada vez maior de pessoas diagnosticadas com TEA, assim como um número cada vez maior de alunos no Ensino Superior com essa condição.

Esse cenário muito positivo é também preocupante quando consideramos que esses indivíduos terão que se deparar com situações que exigem boas habilidades sociais fora e dentro de sala de aula, sendo essa segunda situação o foco dessa pesquisa.

A relação entre TEA e Metodologias Ativas no Ensino Superior apresenta-se, então, como um desafio a ser compreendido e superado por todos os envolvidos nesse contexto.

É preciso que mais pesquisas sejam realizadas para que possamos compreender quais são de fato as necessidades que esses alunos apresentam nesse contexto, qual é o papel que o professor e a instituição como um todo devem desempenhar para assegurar a inclusão desses sujeitos e o que esses alunos, seus familiares, colegas de classe e demais profissionais de apoio podem fazer para contribuir para que esses alunos possam ter um ensino de qualidade e uma experiência universitária satisfatória.

REFERÊNCIAS

AUTISM Diagnosis Criteria: DSM-5 Autism Speaks. Disponível em: <https://www.autismspeaks.org/autism-diagnosis-criteria-dsm-5>

BARBOSA, H. F., LIMAVERDE, A. L. A Inclusão de Pessoas com Autismo no Ensino Superior: Percepções Discentes sobre o Ingresso à Universidade. In VI CONEDU. 2019. Disponível em: [Gomeshttps://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA11_ID7937_14082019172218.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA11_ID7937_14082019172218.pdf)

CAI, R. Y., RICHDALÉ, A. L. Educational Experiences and Needs of Higher Education Students with Autism Spectrum Disorder. J Autism Dev Disord. Disponível em: https://depts.washington.edu/uwautism/wp-content/uploads/2016/04/Educational-experiences-of-students-with-ASD_Cai-and-Richter.pdf

GROGAN, G. Supporting Students with Autism in Higher Education through Teacher Educator Programs. SRATE Journal, v24 n2 p8-13 Sum 2015. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1083126>

HACKATHORN, J. et al. Learning by Doing: An Empirical Study of Active Teaching Techniques. The Journal of Effective Teaching, Vol. 11, No. 2, 2011, 40-54. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ1092139>

LOVATO, L. et al. Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. Fabricio Acta Scientiae, v.20, n.2, mar./abr. 2018.



MAENNER, M. J. et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. *Surveillance Summaries*. March 27, 2020. 69(4); 1–12 Disponível em: https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/ss/ss6904a1.htm?s_cid=ss6904a1_w#suggestedcitation

MORAN, J. M. Mudando a educação com Metodologias Ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*, v. 2, 2015.

OLIVATI, A. G., LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*. vol.25 no.4 Bauru: out./dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382019000400729&lng=pt&nrm=iso

SAHAGOFF, A. P. C. Metodologias Ativas: Um Estudo Sobre Práticas Pedagógicas IN *Metodologias Ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade*. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 203p.

SILVA, K. C. Condições de Acessibilidade na Universidade: o ponto de vista de estudantes com deficiência. 2016. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2016.

SILVA, M. B., ANDRADE, H. S. As Metodologias Ativas de Aprendizagem e a Formação de Profissionais Classe Mundial. in *Metodologias Ativas: Relatos de Experiências do Centro Paula Souza 1ª Edição Edições Brasil / Editora Fibra Jundiaí/SP 2019*.

TAREKEGNE, W. M. Higher Education Instructors Perception and Practice of Active Learning and Continuous Assessment Techniques: The Case of Jimma University. *Bulgarian Journal of Science and Education Policy (BJSEP)*, Volume 13, Number 1, 2019

TINO, C. An Integrative Interpretation of Personal and Contextual Factors of Students' Resistance to Active Learning and Teaching Strategies. *Studies in Adult Education and Learning*, 2020, 26(2), 59-74. Disponível em: <https://revije.ff.uni-lj.si/AndragoskaSpoznanja/article/view/9163>

TSUJI, Y., SUGIYAMA S. A Comparison of Learning Effects between Active Learning and Traditional Learning for Identical Lecture. *Japan Journal of Educational Technology*. 2017 Volume 40 Issue Suppl. Pages 45-48. Disponível em: <https://doi.org/10.15077/jjet.S40031>

VALENTE, J. A.. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: uma experiência com a graduação em midialogia. IN: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). *Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

VOKIC, N. P., ALEKSIC, A. Are Active Teaching Methods Suitable for All Generation Y students? - Creativity as a Needed Ingredient and the Role of Learning Style. *Educ. Sci*. 2020, 10(4), 87; Disponível em: <https://doi.org/10.3390/educsci10040087>